


# PANDEMIA E PANDEMÔNIO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS<sup>i</sup>

*PANDEMIC AND PANDEMONIUM IN CONTEMPORARY BRAZIL: REFLECTIONS ON THE  
PRODUCTION OF DIFFERENCES*

 [0000-0002-9235-5938](https://orcid.org/0000-0002-9235-5938) Esmael Alves de Oliveira<sup>A</sup>

 [0000-0003-1831-0915](https://orcid.org/0000-0003-1831-0915) Tiago Duque<sup>B</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, Brasil

<sup>B</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

**Recebido em:** 15 mai. 2022 | **Aceito em:** 05 set. 2022

**Correspondência:** Esmael Alves de Oliveira (esmael\_oliveira@live.com)

## Resumo

Este texto apresenta algumas considerações sobre os efeitos necropolíticos da Covid-19 no Brasil contemporâneo, a partir da análise de quatro “discursos-cenas” amplamente divulgados na mídia brasileira acerca do cenário da pandemia no País ao longo de 2020 (ano que marca o início da pandemia no País) e 2021. A análise de discursos, proferidos pelo atual presidente da República, bem como por alguns de seus ministros e apoiadores, são reveladores de que a crise da pandemia e as estratégias para seu enfrentamento não se reduzem a uma dimensão epidemiológica. À luz do debate sobre marcadores sociais de diferença (gênero, sexualidade, classe, raça/cor, etnia, geração, entre outros), chama-se a atenção para a importância ético-política do exercício de desconfiança e desnaturalização dos regimes de verdade que sustentam os racismos de Estado contemporâneos. Apresenta-se ainda reflexões em torno da produção das diferenças no Brasil pós-pandemia da Covid-19 em termos de desigualdades históricas, além de apontar para a necessidade de enfrentamentos e resistências às hierarquizações sociais, especialmente em um contexto de ódio às diferenças.

**Palavras-chave:** Covid-19; Brasil; Diferença; Necropolítica.

## Abstract

This paper presents some thoughts on the necropolitical effects of Covid-19 in contemporary Brazil, drawing from the analysis of four “discourse-scenes” broadly disseminated in the Brazilian media regarding the pandemic scenario in the country along 2020 (year that sets the beginning of the pandemic in the country) and 2021. The analysis of the discourses, delivered by the incumbent president of the Republic, as well as by some of his ministers and supporters, reveal that the pandemic crisis and the strategies to tackle it are not limited to an epidemiological dimension. In the light of the debate about social markers of differences (including gender, sexuality, class, race/color, ethnicity, and generation), draw attention to the ethical-political importance of exercising suspicion and dis-naturalization of the regimes of truth that uphold the contemporary State racisms. Reflections are also presented around the production of differences in Brazil after the Covid-19 pandemic in terms of historical inequalities; they also indicate the need for confrontations and resistances to the social hierarchies, especially in a context of hatred towards the differences.

**Keywords:** Covid-19; Brazil; Difference; Necropolitics.



## Introdução

Ao sermos interpelados pelo complexo cenário político-pandêmico que atravessamos no Brasil desde 2020, não pudemos deixar de pensar na importância do papel ético e político da crítica sobre o que nos acontece. Nesse momento, em que fazemos memória de mais de 600 mil óbitos em decorrência da Covid-19 (pelo menos até o fechamento deste texto), muitas são as dores, os dilemas relacionais, sociais, educacionais, sanitários, humanitários que nos atravessam e afetam. Afinal, como ignorar os mais de 14 milhões de brasileiros/as desempregados/as? As 19 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza e que passam fome? A exclusão digital de milhares de estudantes de escolas públicas que tiveram baixo desempenho e/ou foram obrigados a desistirem do ano letivo por não contarem com as condições adequadas para as “aulas remotas”? E o que dizer da escassez de vacinas e a consequente morosidade do processo de imunização da população?

Covid-19 é uma combinação da expressão *Co-rona-Vi-rus-D-isease* e do ano em que ela surgiu – 2019. Usamos o gênero gramatical feminino por interessar-nos pela experiência da infecção/doença em termos aqui discutidos e não o vírus em si. Fazemos essa escolha respeitando os outros usos, e empregando-os em variadas formas quando essas são usadas por outros/as autores/as ou autoridades, afinal, sabe-se que o acrônimo Covid-19 está em processo de lexicalização (MARTINS, 2020). Esse processo dos variados usos enunciativos da Covid-19 indica também um cenário ainda incerto. Diante disso, como pensar o presente e olhar para o futuro? Assim, num exercício de disputa crítica e analítica frente a alguns eventos do presente buscaremos tecer considerações sobre este pandemônio – balbúrdia, caos, desordem, bagunça. “A conjunção pandemia e pandemônio singulariza o cenário brasileiro em relação ao restante do mundo” (RUBIM, 2020, s/p.).

Num país que faz questão de apagar a memória, recordar é resistir. Nesse sentido, esse texto é um convite para que possamos tornar-nos cúmplices das lembranças de violência em torno da experiência da doença que nos aflige, e possamos não optar pelo esquecimento, afinal, há nexos de responsabilidade entre mortes em massa e ação política (JARDIM, 2021). É preciso olhar o tempo presente, compreendê-lo, disputar as narrativas hegemônicas, questionar as táticas e projetos de morte desse momento (OLIVEIRA; MARTINS; SILVA, 2021). Afinal, sabemos que estamos em tempos de governamentalidade pautada tanto em princípios neoliberais – fortalecimento dos discursos das liberdades individuais (acima de tudo e de todos)

e da responsabilização de si – como de viés fascista – desprezo do outro e de certas formas de vida (LOCKMANN, 2020).

Tomando como pano de fundo esses contextos e tais motivações, analisamos quatro “discursos-cenas” amplamente divulgados na mídia brasileira acerca do cenário da pandemia no País ao longo de 2020 (ano que marca o início da pandemia no Brasil) e 2021. Trata-se de exercitar a desconfiança em face dos regimes de verdade que sustentam os racismos de Estado contemporâneos (FOUCAULT, 2016). Em termos metodológicos, aqui os discursos são tomados no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 2014). Ou seja, o discurso circula, aqui e ali, em enunciados não coincidentes que buscam se reproduzir e acomodar percepções e efeitos de sentido carregados de interesses de subordinação, exclusão, deslocamentos ou manutenções de valores, lógicas e posições sociais. As variações dos enunciados cumprem a função de capilaridade discursiva, alcançando e transformando subjetividades e instituições sociais. O grande desafio dessa dispersão discursiva para o exercício reflexivo é o trabalho cuidadoso requerido para tocar, na materialidade do enunciado, suas filiações e suas funções sociais.

Nesse sentido, em um primeiro momento apresentaremos os quatro discursos-cenas, selecionados devido ao fato de terem nos afetado. Posteriormente, iniciamos nossas repercussões analíticas sobre desigualdade e diferenças, não entendendo-as como sinônimo. Em seguida, discutimos cinco aspectos reflexivos sobre Covid-19 e diferenças no Brasil atual. Por fim, à guisa de conclusões, finalizamos o texto, a partir da realidade de ódio às diferenças que temos vivido, com apontamentos sobre a necessidade de alianças políticas e micropolíticas e, ao mesmo tempo, a importância de questionar as táticas dos projetos de morte do presente.

### **Dos discursos-cenas da Pandemia em um pandemônio**

Destacamos que o que seguirá está carregado de marcadores sociais da diferença, que produzem a diferença por meio de identificações e diferenciações em contextos particulares de relações de poder e disputas por reconhecimento/legitimação. Essa diferença compreendida pelos marcadores em ação no/por e através dos discursos-cenas nos interessa para melhor desenvolvermos o exercício de disputa crítica e analítica que nos propomos. Destacamos que esses marcadores sociais da diferença não são estabelecidos “como uma categoria analítica substancializada, dado que o seu significado só se realiza na prática dos/as agentes em determinada conjuntura [...]” (HIRANO, 2019, p. 49). Portanto, não pretendemos desenvolver uma análise com uma quantidade infinita deles, mas buscamos estar atentos para certo

“entrelaçamento daqueles que se mostram relevantes contextualmente, ou seja, partindo de análises atentas às diferenças que fazem diferença em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos” (HENNING, 2015, p. 11).

Os discursos-cenas que seguirão têm uma presença comum, o presidente Jair Messias Bolsonaro. Não se trata de uma análise do sujeito em si, mas da experiência, menos da experiência que o produz, e mais da experiência que nos produz, mesmo compreendendo-as de forma inseparável. As justificamos aqui a partir dos seus efeitos, nos outros e em nós. Por isso, a nossa motivação para a seleção está no campo do afeto, do que nos afeta, e do que nos toca. Afinal, as entendemos então como algo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDIA, 2002, p. 20). Por isso, imaginemos que, sendo elas conhecidas ou não de você que nos lê, ou também foram algo que o/a tocou, ou, considerando nossa reflexão, esperamos que elas te toquem a partir desta leitura.

#### *Discurso-cena 1: “Só uma gripezinha”.*

No dia 20 de março de 2020, quando organismos internacionais já alertavam para a gravidade da pandemia, em entrevista em frente ao Palácio do Planalto, o presidente afirma:

“Depois da facada, **não vai ser gripezinha que vai me derrubar**, não. Tá OK? Se o médico ou o Ministério da Saúde recomendar um novo exame, eu farei. Caso contrário me comportarei como qualquer um de vocês aqui presente”, declarou Bolsonaro, em referência aos sintomas do novo coronavírus, que provocou uma pandemia e milhares de mortos. (MAZIEIRO, 2020 – grifo nosso).<sup>ii</sup>

#### *Discurso-cena 2: “Eu sou Messias, mas não faço milagre”.*

No dia em que o País registrava o número de 5.017 (28 abr. 2020) mortes em decorrência da Covid-19, superando os números da China, temos a seguinte cena:

Durante a entrevista, uma jornalista disse ao presidente: “A gente ultrapassou o número de mortos da China por Covid-19”. O presidente, então, afirmou: **“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”**, disse, em referência ao próprio sobrenome. (GARCIA; GOMES; VIANA, 2020 – grifo nosso).<sup>iii</sup>

*Discurso-cena 3: “Tem idiotas até hoje em casa”.*

Desde o início da pandemia, o presidente, na contramão do que dizem os organismos internacionais e as pesquisas científicas, tem não apenas relativizado a gravidade da Covid-19 como também se manifestado contrário às medidas sanitárias de distanciamento social. Mais preocupado com os interesses do agronegócio do que com a saúde da população, em maio de 2021, o presidente ironiza:

**“O agro realmente não parou. Tem uns idiotas aí, o ‘fique em casa’. Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa. Se o campo tivesse ficado em casa, esse cara tinha morrido de fome, esse idiota tinha morrido de fome. Daí, ficam reclamando de tudo”, disse na saída do Palácio da Alvorada. (BEHNKE, 2021 – grifo nosso).**<sup>iv</sup>

*Discurso-cena 4: “[...] se não quer comprar fuzil, não enche o saco de quem quer comprar”.*

Em entrevista concedida a apoiadores, em meio a uma grave crise humanitária no País, desconsiderando os dados que apontam que 19 milhões<sup>v</sup> de brasileiros encontram-se em situação de fome no Brasil, o presidente declara:

**“Tem que todo mundo comprar fuzil, pô. Povo armado jamais será escravizado. Eu sei que custa caro. Daí tem um idiota que diz “ah, tem que comprar feijão”. Cara, se não quer comprar fuzil, não enche o saco de quem quer comprar”, disparou.** Ontem, em aceno à sua política armamentista, o presidente voltou a defender o porte e a posse de arma para a população. O mandatário ironizou matérias da imprensa apontando que o número de aquisição de armamentos tem dobrado ano após ano e rebateu dizendo esperar que “quintuplique”. Segundo o mandatário, “quanto mais armado estiver o povo, melhor é para todo mundo”. (SOARES, 2021 – grifo nosso).<sup>vi</sup>

É importante pontuar que esses quatro discursos-cenas são compreendidos por nós em um contexto brasileiro de produção das diferenças que não está desconectado de realidades globais, especialmente quando os compreendemos em termos também de uma produção de desigualdade. *“La desigualdad moderna se desarrolla en forma abierta y cínica. Como una consecuencia importante de la pandemia, la diferencia entre países desarrollados y los periféricos tiende a desaparecer en forma definitiva”* (NAVARRETE, 2021, p. 35). Assim, ainda que estejamos focados em uma realidade específica, é sabido que a *“Covid-19 afecta a los países en forma similar, acompañando a la geopolítica mundial, todos incluyen mayorías*

*pobres del sur global y élites del norte global. Entonces, la epidemia sigue las tendencias de la desigualdad global” (NAVARRETE, 2021, p. 35).*

### **Diferenças e desigualdade**

O que esses discursos-cena nos ajudam a pensar com relação aos contornos deste pandemônio no Brasil? A partir de quais materialidades esses discursos se revestem e que efeitos sociais produzem?

Um primeiro aspecto a ser discutido (e talvez o mais óbvio) é que o mal-estar e a sensação de insegurança causados pelos desdobramentos da pandemia no País não podem ser devidamente compreendidos sem considerarmos as condições sociais de desigualdade aqui existentes. Nesse aspecto, não é mero acaso que os principais afetados no discurso do presidente é justamente a população em geral, ou seja, pertencentes às classes C e D. A população que viveu (e vive) na pele a fatídica constatação de que não se trata de “uma gripezinha”, a população que, de fato, não tem como fazer isolamento social por não contar com as mínimas condições de vida necessárias para tal, a população que não pertencendo ao seleto grupo dos apoiadores do governo não tem sequer condições econômicas para comprar o essencial quanto mais armas e munições. Enfim, a população que não espera um presidente milagreiro (nas palavras de Bolsonaro, “Messias”), mas tão somente um governo que tenha condições de gerenciar adequadamente os impactos da pandemia no País. Nos termos das pesquisadoras Gonzaga e Cunha (2020),

Em meio à pandemia da Covid-19, alguns atores sociais afirmam que estamos no mesmo barco, uma versão adaptada do mito da democracia racial e sua falaciosa pretensão de que somos um só povo e sofreremos dos mesmos males. Porém, como estamos no mesmo barco se o acesso ao atendimento médico e a medicamento da população preta e parda, 69,5% e 67,8% respectivamente, é menor do que a população branca, de 74,8% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015)? Como estamos no mesmo barco, se 11,9% de pessoas pretas e 11,4% de pardas afirmaram que já se sentiram discriminadas nos serviços de saúde, em contraposição a 9,5% de pessoas brancas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015)? Como estamos no mesmo barco, se a taxa de mortalidade de bebês indígenas cresceu 12% somente em um ano após o desmonte do Programa Mais Médicos pelo governo federal em 2019 (Fellet, 2020)? Como estamos no mesmo barco, se as pessoas indígenas e negras são as principais vítimas da Covid-19, além de suas vidas tornarem-se ainda mais precárias pela crise econômica decorrente da atual pandemia (Organização das Nações Unidas, 2020)? (GONZAGA; CUNHA, 2020, p. 4).

Nesse sentido, em um contexto social em que o capital midiático e político faz questão de afirmar que o “agro é tech, agro é pop, agro é tudo”,<sup>vii</sup> o projeto megalomaniaco das elites raciais e econômicas nacionais tem seu poderio e alcance contestado em face dos altos índices de desemprego, de extrema pobreza, de desigualdade social. Não por acaso, aqueles e aquelas que compõem os dados estatísticos são majoritariamente pobres, mulheres, pretos e pardos, indígenas, LGBTQs (sobretudo travestis e transexuais) e de contextos periféricos. Ainda sobre esses números, os entendemos como “formas de construir o mundo em que vivemos, e, em termos analíticos, constituem um suporte heurístico central para uma análise sociológica da pandemia, de sua dinâmica e do modo como é vivenciada” (CAMARGO; MOTTA; MOURÃO, 2021, p. 312). Logo, eles indicam como a própria diferença tem sido produzida, e visibilizada, de forma a escancarar hierarquias nem sempre discutidas, apontando para a urgência de mais críticas às formas globais de desigualdades.

Portanto, se a Covid-19, em termos epidemiológicos, tem a possibilidade de infectar a todos/as, as políticas e medidas de saúde, ao desconsiderarem os atravessamentos de classe, raça/cor, étnica, sexualidade, gênero, deficiência, região/localidade, tendem a ser seletivas quanto aos efeitos sociais da pandemia (OLIVEIRA *et al.*, 2020). À medida que governos e gestores se mostram indispostos ou incapazes de gestar e produzir apoio/suporte a grupos e populações vulnerabilizadas, não se revela aí apenas uma incompetência, mas sim o lado perverso de um Estado que mira, com suas táticas necropolíticas,<sup>viii</sup> seletivamente para alguns e não outros, produzindo, desta forma, “modos de diferenciação, hierarquização, nomeação e produção de desigualdades” (HIRANO; ACUÑA; MACHADO, 2019, p. 20). Teoricamente, essa produção da diferença pela desigualdade não é entendida por nós de forma generalizante, afinal, reconhecemos que em vários contextos a desigualdade e a diferença sequer estão relacionadas. Dito de outro modo, sabemos que diferença não é necessariamente sinônimo de desigualdade (BRAH, 2006). Contudo, neste texto, é a experiência da sua produção nos termos hierárquicos aqui referidos que queremos criticar.

É consenso no movimento sanitário que as “desigualdades sociais fazem mal à saúde” (BARATA, 2009, p. 24). Acesso à alimentação, água, educação, saúde, trabalho, dentre outros aspectos, podem produzir mais saúde ou, em sua ausência, vulnerabilidades e adoecimentos. Como nos dizem Minayo e Freire (2020), a “pandemia exacerba desigualdades na Saúde”, sendo a desigualdade social em nosso País um “terreno fértil para a disseminação da Covid-19,



dificultando o isolamento social, restringindo acesso a insumos básicos para higiene e proteção, e dificultando a própria assistência aos serviços de Saúde” (MINAYO; FREIRE, 2020, s/p).<sup>ix</sup>

Como ignorar que no Brasil, um país de dimensões continentais e de históricas desigualdades, ainda existem grupos sociais que não têm acesso ao básico (ou pelo menos aquilo que socialmente se entende como tal)? Que não é todo mundo que pode “lavar as mãos” porque, infelizmente, no Brasil nem todos podem contar com água encanada? – o que se torna uma realidade ainda mais grave quando se trata das periferias, morros e quebradas Brasil afora. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Data Favela, em parceria com a Locomotiva – Pesquisa e Estratégia e a Central Única das Favelas (Cufa), e divulgada pela agência Brasil:

“Os dados são hoje os mais preocupantes desde o início da pandemia. Nós monitoramos, durante o último ano, praticamente todos os meses, a situação das favelas e, em nenhuma das pesquisas, o dado foi tão preocupante como esse, seja no número de pessoas sem poupança, seja no número de pessoas com falta de dinheiro para comprar comida, seja na redução do número de refeições”, destacou o presidente do Instituto Locomotiva e Fundador do Data Favela, Renato Meirelles. [...]. Além da fome e da queda na renda, as pessoas das comunidades têm enfrentado ainda um risco sanitário maior por ter que se expor ao vírus para conseguir sustento: 32% estão procurando seguir as medidas de prevenção contra a Covid-19; 33% estão procurando seguir, mas nem sempre conseguem; 30% não conseguem seguir; 5% não estão tentando seguir.<sup>x</sup>

Assim, as recorrentes imagens midiaticamente produzidas sobre moradores das periferias, morros e quebradas deste grande País, como “irresponsáveis” e “inconsequentes” em decorrência de “desobedecerem” às regras de isolamento e distanciamento social, revelam o racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, evidenciam décadas de abandono por parte do Estado e de ausência ou insuficiência de políticas públicas direcionadas a tais segmentos sociais.

Como cobrar que pessoas que vivem em condições precárias, aglomeradas em pequenos barracos improvisados possam manter o distanciamento social? Como exigir que as pessoas redobrem os cuidados com práticas de higiene se parte considerável da população brasileira sequer tem o que comer, quanto mais dinheiro para comprar álcool em gel? Como afirma Souza (2018), trata-se de uma política de Estado que tende a responsabilizar as camadas pauperizadas por suas mazelas, ao mesmo tempo que se desresponsabiliza pelas tragédias que resultam de sua omissão.



## Aspectos reflexivos sobre Covid-19 e diferenças

Numa perspectiva interseccional, cabe a pergunta: quem tem o direito de ficar em casa? Como nos diz Schwarcz (2019a, p. 16):

Raça, gênero, sexo, geração, classe, região são, assim, categorias classificatórias compreendidas como construções particulares (e referidas a determinados contextos específicos), locais, internacionais, histórias (sic) e culturais. Elas fazem parte das representações sociais das nossas mitologias, mas também possuem grande impacto no mundo real, uma vez que permitem a produção de identidades coletivas e também de hierarquias, bem como toda sorte de discriminações sociais. Reguladas a partir de convenções e normas, elas acabam fazendo sentido também na interconexão que estabelecem entre si, mesmo que um termo não se reduza obrigatoriamente a outro.

Ao nosso senso de “segurança” atrelam-se condições precárias de vida e de trabalho. Para que não falte nada em nossas “bolhas de segurança” alguém precisa fazer o trabalho pesado (coleta de lixo, entregas, limpeza etc.). Em um país atravessado por desigualdades históricas, inúmeros anônimos e anônimas não gozam do mesmo reconhecimento e das mesmas homenagens que são cotidianamente dirigidas aos profissionais da saúde (vale dizer que a crítica se dirige ao caráter seletivo das homenagens). Portanto, não podemos ignorar que numa sociedade sustentada na desigualdade social, até as políticas de cuidado precisam estar associadas a um debate sobre privilégios de alguns/algumas e a ausência de direitos de muitos/as. Este é um primeiro aspecto reflexivo que apresentamos nesta seção.

Como não lembrar o caso emblemático da empregada doméstica que, após não ser liberada do serviço pela “patroa da zona sul”, no Rio de Janeiro, morreu de Covid-19 após ser infectada justamente no ambiente de trabalho?<sup>xi</sup> No caso em tela, num desejo de apagar as marcas das desigualdades e exclusões socialmente produzidas, as “comorbidades” foram acionadas para justificar a morte (vale lembrar que em nenhum momento os meios de comunicação problematizaram as condições de trabalho da vítima). Vale lembrar que um dos jornais que veiculava a notícia à época, trazia em letras garrafais: “Vítima é uma mulher de 63 anos que tinha diabetes e hipertensão”.<sup>xii</sup> Não por acaso a antropóloga Lélia Gonzalez, já na década de 1980, falava sobre a “tripla discriminação” da mulher negra. Em suas palavras,

A gente constata que, em virtude dos mecanismos da discriminação racial, a trabalhadora negra trabalha mais e ganha menos que a trabalhadora branca que, por sua vez, também é discriminada enquanto mulher. [...] Por essas e outras é que a mulher negra permanece como o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre de uma tríplice

discriminação (social, racial e sexual) (GONZALES, 1982 *apud* RIOS; RATTS, 2016, p. 396).

Como segundo aspecto destacamos o cinismo como estratégia de governo, e que se manifesta por meio da expressão usada pelo presidente: “Sou Messias, mas não faço milagres”. É evidente que tal expressão não é apenas a manifestação de indiferença diante da dor dos outros – nos termos de Sontag (2003) –, é antes de tudo a expressão de um sadismo perverso que (re)produz a objetificação do outro como sintoma de um estado suicidário, como aponta Safatle (2020, s/p):

Você é parte de um experimento. Talvez sem perceber, mas você é parte de um experimento. O destino do seu corpo, sua morte são partes de um experimento de tecnologia social, de nova forma de gestão. Nada do que está acontecendo nesse País, que se confunde com nossa história, é fruto de improviso ou de voluntarismo dos agentes de saúde.

É quando o Estado deliberadamente assiste às mortes e não constrói soluções efetivas, ao transformar a população pobre e trabalhadora em inimiga do desenvolvimento nacional, que se estabelece o morticínio como política de Estado. E que são expressos, sem a implicação do próprio estado, em frases-sintomas proferidas por representantes do empresariado bolsonarista: “Haverá mortes de CNPJ”.<sup>xiii</sup> De acordo com esta lógica, “o lucro acima de tudo”, pouco importa que os índices de morte no Brasil tenham superado a China e os Estados Unidos, pouco importa se as condições sanitárias são inadequadas para o retorno às atividades laborais, pouco importa se não chegamos a pelo menos 50% da população imunizada (com as duas doses ou dose única).

Não por acaso, em um discurso voltado a apoiadores, tenha esbravejado: “Daí tem um idiota que diz ‘ah, tem que comprar feijão’. Cara, se não quer comprar fuzil, não enche o saco de quem quer comprar” (SOARES, 2021). De acordo com esse raciocínio, quem pede o “pão de cada dia” (feijão), é um idiota. Além disso, reclamaria “de barriga cheia”, afinal o País vive às “mil maravilhas”. Seguindo essa lógica, além de ser uma reivindicação “absurda”, beiraria a “inveja”, afinal de contas, atrapalharia quem “quer comprar” uma arma. Seria cômico, não fosse trágico, afinal, o que o presidente parece ignorar é que, nesse momento, 19 milhões de brasileiros/as passam fome<sup>xiv</sup> no País e que 27 milhões vivem abaixo da linha da pobreza.<sup>xv</sup>

Sobre os inúmeros desafios do presente e os limites da noção de biopolítica foucaultiana, o filósofo camaronês Mbembe nos interpela: “Essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou

da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo seu objeto primeiro e absoluto?” (MBEMBE, 2018, p. 6). De fato, o que ocorre no Brasil contemporâneo é não apenas a naturalização das desigualdades sociais como a dissimulação sádica e cínica de interesses e responsabilidades e que tem resultado num verdadeiro morticínio. Isso, no entanto, não representa nenhuma novidade.

Ao contrário, como aponta Schwarcz (2019b), ao problematizar nossos mitos fundadores (de que o País seria harmônico e sem conflitos; avesso a qualquer forma de hierarquia; onde vige uma democracia plena; e, por fim, um verdadeiro paraíso) na busca por compreender o autoritarismo brasileiro, assevera: “Desde o período colonial, passando pelo Império e chegando à República, temos praticado uma cidadania incompleta e falha, marcada por políticas de mandonismo, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência” (SCHWARCZ, 2019b, p. 24).

Como último aspecto não podemos deixar de tecer algumas considerações sobre o lugar e a importância dos ativismos como estratégia de resistência. Não os reconhecer seria dizer que o Estado necropolítico tem a última palavra sobre nós, nossos corpos, nossas existências. Nesse sentido, a importância de não perdermos de vista o protagonismo de inúmeros anônimos, homens cis e trans, mulheres cis e trans, pessoas não binárias, negros/as, indígenas, ativistas de movimentos sociais, que cotidianamente lutam pelo direito de permanecerem vivos/as. Talvez a partir deles/as e com eles/as consigamos compreender o ódio manifesto, ora como descaso ora como discursos de ódio, proferidos por membros e/ou partidários do atual governo.

### **O ódio em meio às diferenças – à guisa de conclusão**

Conforme aponta Miskolci (2021, p. 166), “Toda pandemia se expressa de forma singular em cada nação, em termos epidemiológicos e culturais, obrigando-nos a reconhecer qual a relação que a do coronavírus instaura no Brasil, entre nós e com nosso passado”. Portanto, ao refletirmos até aqui sobre certo modo de produção das diferenças em meio à pandemia da Covid-19, chamamos a atenção para a própria forma desigual que nós, especialmente no contexto brasileiro, temos lidado com hierarquias e desigualdades históricas. Para além dos discursos-cenas trazidos aqui, sabemos que todo um conjunto governamental tem contribuído para o que temos criticado. Dito de outro modo, o ódio no discurso de autoridades políticas, enquanto, segundo Butler, uma “política do performativo”, deve levar em conta que,

“se a linguagem pode sustentar o corpo, pode também ameaçar a sua existência” (BUTLER, 2021, p. 18).

Exemplos disso não faltam. O incômodo do ministro da economia com as empregadas domésticas que viajam à Disney<sup>xvi</sup> (ou que até então viajavam), e mais recentemente o ministro da educação que diz que “universidade deve ser para poucos”<sup>xvii</sup> – manifestando preconceito desavergonhado contra jovens pobres que chegam à universidade e se tornam engenheiros, arquitetos etc., e que não se contentam com cursos profissionalizantes (na mentalidade do atual governo e de seu corpo de ministros, estes últimos seriam os “cursos adequados para pobres”). O mesmo ministro da educação, há poucos dias volta a destilar ódio, desta vez contra pessoas com deficiência – de acordo com suas palavras: são “alunos que atrapalham os demais estudantes” e que “há crianças com um grau de deficiência que é impossível a convivência”.<sup>xviii</sup>

Tais comentários, que não são só comentários, mas a própria expressão da mentalidade preconceituosa de parcela significativa de membros das elites brasileiras, são armas de guerra contra aqueles e aquelas que simplesmente ousam existir fora dos padrões de raça/cor, etnia, classe, gênero, sexualidade, funcionalidade, idade etc. De acordo com tal lógica de Estado, tais corpos/corpas, vidas, existências são ininteligíveis e, portanto, precisam ser eliminados/as a qualquer preço ou, no mínimo, segregados/as. Isso nos permite pensar que o caos no enfrentamento da pandemia, e que tem resultado em uma grave crise não apenas sanitária, mas também humanitária, não é produto de incompetência ou descuido. Uma leitura pela vida da incompetência ou imperícia, seria desresponsabilizá-los. Trata-se, sim, de uma perversa e deliberada tática de guerra. Deste modo,

Se todos sofrem as consequências da atual política nacional de descaso, os ainda mais prejudicados são aqueles[as] que, além de se identificarem como parte do grupo, encontram-se em situação de vulnerabilidade por outros fatores, como a pobreza, a origem racial, a falta de acesso à educação ou as necessidades especiais. (SCHWARCZ, 2019b, p. 205).

Voltando-nos para o protagonismo de uma nova geração de ativistas Brasil afora, alguns/algumas dos/das quais tiveram suas ações visibilizadas por meio do projeto InformaSUS,<sup>xix</sup> é possível afirmar que para parcela significativa da população estar numa zona de guerra, no *front* de batalha, nunca foi novidade (NASCIMENTO, 2021; MOMBAÇA, 2021). Portanto, trata-se de reconhecer o protagonismo de inúmeros anônimos, anônimas, lideranças comunitárias, ativistas, coletivos, membros de organizações não governamentais, pesquisadores/as, dentre outros, que apostam, por meio de inúmeras ações, na construção e

fortalecimento de redes de solidariedade como antídoto às mazelas sociais resultantes da ausência e/ou deficiência do Estado.

Nas palavras do médico sanitarista Teixeira (2020), “As favelas não são a periferia do mundo, mas o seu verdadeiro centro porque é dele que emana uma ética do cuidado”.<sup>xx</sup> É contra essa ética do cuidado, é contra essas formas de vida, é contra uma multidão de “comunidade dos sem comunidade” – nos termos do filósofo Pelbart (2003) –, que o bionecropoder investe com todo seu ódio, todo seu descaso, todo seu preconceito, toda sua canalhice, toda sua mentira, buscando tomar de assalto e vampirizar a vida (PELBART, 2015). Mas a vida de mulheres, negros/as, pobres, LGBT, deficientes, jovens, idosos/as, teimam obstinadamente em sua positividade indomável, como nos diz o mesmo filósofo (PELBART, 2015).

À guisa de conclusão, em diálogo com as perspectivas teóricas que entendem que todo sofrimento é social (OLIVEIRA; MARTINS; SILVA, 2021), portanto, político, acreditamos que a crise inaugurada pela Covid-19 e seus impactos em nossas vidas também tem oportunizado que pensemos e repensemos nossas relações com o mundo que construímos ao viver – como nos interpela Krenak (2019). Há sim muita dor sendo narrada – principalmente daqueles/as que perderam seus entes queridos ou daqueles/as que não têm o que comer nem onde morar. Mas, apesar disso, também a produção de muitos afetos: basta olhar as inúmeras redes de solidariedade pelas periferias e quebradas; a capacidade de superação e reinvenção de todos/as aqueles/as que passaram pelo processo de hospitalização e que nos testemunham que não se trata de “uma gripezinha”; o engajamento de pesquisadoras/es em torno da produção e democratização da vacina; a dedicação extenuante dos/as profissionais da saúde; além dos/as milhares de anônimos/as, vinculados/as a movimentos sociais e comunidades, que se organizaram cientes de que não podem contar com a ajuda do Estado (OLIVEIRA, MARTINS, SILVA, 2021).

Em tempos tão incertos e desafiadores, mais do que nunca a necessidade de repensarmos o outro lado da moeda: o que a experiência da Covid-19 vem nos oportunizar em termos de reflexão e ação? Nesses termos, estamos de acordo com a interpelação do filósofo Preciado (2020, s/p):

[...] tudo isso pode ser uma má notícia ou uma grande oportunidade. É precisamente porque nossos corpos são os novos enclaves do biopoder e nossos apartamentos as novas células de biovigilância que se torna mais urgente do que nunca inventar novas estratégias de emancipação cognitiva e de resistência e colocar em marcha novos processos antagonistas.

Neste momento em que fazemos memória de milhares de mortos, que nos deparamos com milhões de desempregados/as, famintos/as, desabrigados/as, em que vivenciamos constantes ataques ao SUS e aos seus/suas profissionais, em que experimentamos as violências do discurso negacionista, a reiterados ataques às instituições democráticas, mais do que nunca somos desafiados/as a lutar pela criação coletiva de zonas de fuga, a construirmos políticas de vida ampliadas, inclusivas, interseccionais e em aliança.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BARATA, Rita Barradas. A posição social e seus reflexos sobre a saúde. In: BARATA, Rita Barradas. *Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. p. 23-39.

BEHNKE, Emilly. Bolsonaro critica quem faz isolamento: “Tem idiotas até hoje em casa”. *Poder 360*. 17 mai. 2021. Disponível: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-critica-quem-faz-isolamento-tem-idiotas-ate-hoje-em-casa/>. Acesso em: 08 set. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 12 set. 2021.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnvYyTPDGwK8SxCPmhy/?format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio; MOTTA, Eugênia de Souza Mello Guimarães; MOURÃO, Victor Luiz Alves. Números Emergentes: Temporalidade, Métrica e Estética da Pandemia de Covid-19. *Mediações*, Londrina, v. 26, n. 2, p. 311-332, mai.-ago. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/43087/pdf> Acesso em: 12 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. p. 201-222.



FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. ‘E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; ‘Sou Messias, mas não faço milagre’. *G1-Brasília*. Política. 28 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2021.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; CUNHA, Viviane Martins. Uma pandemia viral em contexto de racismo estrutural: desvelando a generificação do genocídio negro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, e242819, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242819>. Acesso em: 08 set. 2021.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf%27>. Acesso em: 12 set. 2021.

HIRANO, Luis Felipe K.; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. p. 20-26.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 27-53.

JARDIM, Fabiana A. A. Dos gestos (e imagens) necessários à afirmação da vida: cultura política, práticas de memória e pandemia. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia* p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://www.reflexpandemia2021.org/texto-109>. Acesso em: 11 set. 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOCKMANN, Kamila. Governamentalidade neoliberal fascista e o direito à escolarização. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15408/209209213384>. Acesso em: 12 set. 2021.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Covid-19: a gramática do inimigo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.



MAZIEIRO, Guilherme. Depois da facada, não vai ser gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro. *UOL*, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/20/depois-da-facada-nao-vai-ser-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 08 set. 2021.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerbada desigualdades na saúde. In: *Portal e observatório sobre iniquidades em saúde*, 2020. Disponível em: <http://dssbr.ensp.fiocruz.br/site/2020/05/pandemia-exacerba-desigualdades-na-saude/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

MISKOLCI, Richard. O medo da pandemia como questão sociológica. *Sociologia e Antropologia*, v. 9, p. 163-167, 2021. Disponível em: [http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2021/08/9\\_v11n-especial\\_RichardMiskolci-RP3.pdf](http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2021/08/9_v11n-especial_RichardMiskolci-RP3.pdf). Acesso em: 12 set. 2021.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismos*. São Paulo: Jandaíra, 2021. Coleção Feminismos Plurais.

NAVARRETE, Julio Mejía. Modernidad global, colonialidad y pandemia de Covid-19. In: GÓMEZ, Yuri ... *et al.* (ed.). *El retorno de lo incierto*: colonialidad del poder y pandemia. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2021. p. 31-55.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; MARTINS, Catia Paranhos; SILVA, Marcos Aurélio da. “Coronacrise”: reflexões sobre alguns efeitos necropolíticos de/em uma pandemia e os desafios para as Ciências Humanas e Sociais em Saúde. *TOMO* (UFS), v. 39, p. 19-44, 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/14929>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Esmael Alves de *et al.* “Salve-se quem puder”: dilemas de estudantes das universidades federais do Mato Grosso do Sul em tempo de pandemia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, 29 (supl.), 2020, p. 65-74. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169109/162328>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; GOMES, Aguinaldo Rodrigues; MUNIZ, Tatiane Pereira; SILVA, Jorge Augusto de Jesus. Inquietações sobre educação e democracia em tempos de pandemia. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. especial II, p. 207-228, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riac/article/view/51647/35770>. Acesso em: 12 set. 2021.

PELBART, Peter Pál. “A comunidade dos sem comunidade”. In: PELBART, Peter Pál. *Vida capital*: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 28-41.

PELBART, Peter Pál. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 19-26, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SBMnsjPgX7Q5mzDWdnhLQ6D/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Aprendendo do vírus*. [S. l.]: Edições n-1. 2020. Disponível em: <https://n-ledicoes.org/007>. Acesso em: 23 maio 2020.

RIOS, Flavia; RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: Ana Flávia Magalhães Pinto; Sidney Chaloub. (org.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, século XIX e XX*. Cruz das Almas; Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016. p. 387-403. v. 1.

RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim. *Brasil: pandemia e pandemônio*, 2020. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/brasil-pandemia-e-pandemonio/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SAFATLE, Vladimir. *Bem-vindo ao estado suicidário*. [S. l.]: Edições n-1. 2020. Disponível em: <https://n-ledicoes.org/004>. Acesso em: 23 maio 2020.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Prefácio. In: HIRANO, Luis Felipe K.; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019a. p. 8-19.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SOARES, Ingrid. “Tem que todo mundo comprar fuzil”, defende Bolsonaro. *Correio Brasiliense*. 27 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4946231-tem-que-todo-mundo-comprar-fuzil-defende-bolsonaro.html>. Acesso em: 08 set. 2021.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Jêsse. (org.). *A ralé brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

TEIXEIRA, Ricardo. Live “Experiência em APS na pandemia: as favelas no enfrentamento da Covid-19”. *InformaSUS*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hJU3WMSfBvM>. Acesso em: 08 set. 2021.

---

<sup>i</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada como comunicação oral pelo primeiro autor na Mesa Redonda Pandemia e Pandemônio, como parte das atividades do II Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na ordem do dia - Interseccionalidades em (Re)Existências & I Encontro Internacional dos Grupos de Pesquisas em Educação, Gêneros e Sexualidades. A versão atual é um desdobramento dos diálogos estabelecidos pós-seminário com o amigo e pesquisador Tiago Duque (segundo autor).

<sup>ii</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4946231-tem-que-todo-mundo-comprar-fuzil-defende-bolsonaro.html>> Acesso em: 08 set. 2021.

<sup>iii</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 12 set. 2021.

